Resenha *de Formação da Comunidade Cientifica no Brasil,* Simon Schwartzman, Nacional/ Finep, 482 pp. 148,00

Jorge Leal Ferreira, *Leia Livros*, agosto de 1979.

Trata-se aqui de uma publicação da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), empresa pública que tem por objetivo estimular as pesquisas cientifica e tecnológica no país.

O propósito da obra é apresentar uma história da ciência no Brasil a época relativamente recente. Teve como ponto de partida projeto da FINEP sobre a história social da ciência contemporânea no país, e incorpora depoimentos prestados por dezenas de cientistas brasileiros de diferentes gerações, os que se formaram nas décadas de 10 e 20, os que se graduaram antes da guerra e aqueles que entraram no cenário cientifico nacional na década de 50. Esses depoimentos, que permeiam a obra, versaram sobre a formação do cientista, sua formação universitária, seu aprendizado no exterior, seu trabalho de pesquisa, sua vivência nas instituições, seus sucessos e fracassos, e temas mais gerais como a natureza da atividade cientifica e o ambiente cientifico no Brasil.

Trata-se realmente, como afirma o autor (que foi o coordenador do projeto) de um material de valor por espelhar, em alguma medida, o pensamento de um bom número de cientistas de renome, sua vivência cientifica, motivações anseios e intuições. Reconhece o autor as limitações desses depoimentos que, aliás, são de caráter geral por haver sempre o lado pessoal na escolha daquilo que se considera importante. Afinal, não têm todos os cientistas a mesma concepção acerca da ciência, sobre o valor e limitações de sua metodologia, e sobre o papel que ela desempenha na saciedade em que é produzido. Coma escreveu Albert Einstein, " se você quiser saber, dos físicos teóricos, o que pensam sobre as métodos que utilizam em seu trabalho, aconselho que siga à risca o seguinte preceito: ao invés do que dizem, veja o que fazem. "

Os depoimentos se limitaram às ciências naturais (as chamadas ""hard sciences " i.é., as ciências difíceis"): física, química, biologia e geociência (o que parece ter relegado a matemática ao almoxarifado das ciências fáceis). A escolha pode, em parte pelo menos, ter sida motivada pela importância dos subprodutos tecnológicos que eles geram.

A maior parte da obra é dedicada à história das instituições científicas do país, entre elas o Observatório Nacional, a Escola Politécnica (RJ), o Instituto Biológico e a USP, esta a mais favorecida. História que suspeitamos não fazer parte da bagagem cultural da maioria das cientistas brasileiros.

A questão "ciência e desenvolvimento "é tratada de maneira bastante convencional. É interessante, todavia, se aprender que, na década de 50, o pensamento dominante nos meios intelectuais do país era, aparentemente, que a ciência, o progresso e a modernização viriam juntos com os novos tempos. Ora, todo mundo sabe que a modernização veio mesma, às catadupas, pegando desprevenidos alguns idealistas (p. ex., esse tipo de gente que ainda lê os *Diálogos* de Platão). Automóveis em massa, agências bancárias também em massa (Algumas com ajuda do Criador), TV, shampoos, detergentes e discotecas, e tantas outras que se tornaram imprescindíveis na exacerbação do consumo máxima. E a maioria da povo brasileiro continua bem favorecida pelo consuma mínimo, que purifica a alma mas que conduz, frequentemente, a resultados desastrosas para seu metabolismo.

Embora a ciência seja imprescindível nas sociedades modernas, ela, socialmente, não basta por si mesma (por que, prezado leitor?) Mas há quem pense diferente. Segundo o dirigente iugoslavo Stevan Dedijer (citado no livro), a "ciência é a chave do futuro". O que torna tudo maravilhosamente simples. No que diz respeito ao futuro, esperamos que essa chave não seja enfiada na porta errada.